



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA GRAVIDEZ DE ADOLESCENTES E ADULTAS, FEIRA DE SANTANA, BAHIA

Katarina Soares Morais¹; Aisiane Cedraz Morais²; Luciana Maia Santos³ e Rosely Cabral de Carvalho⁴

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: katarina.enf@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: aisicedraz@hotmail.com
3. Autora da dissertação de mestrado “Fatores associados a violência doméstica na gestação em adolescentes e adultas, em Feira de Santana, Bahia”, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: luluzinha_maia@hotmail.com
4. Coordenadora do projeto de pesquisa “Rotas críticas de mulheres em situação de violência: um estudo de caso”, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: roselycarvalho056@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: violência doméstica; gravidez; prevalência.

INTRODUÇÃO

A Lei nº 11.340/06, Lei Maria da Penha, afirma que "configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial" (BRASIL, 2006).

Estudos evidenciam que os parceiros íntimos são referidos como principais sujeitos perpetradores da violência (Okada *et al.*, 2015). Além disso, este tipo de violência é majoritariamente praticado nas residências das vítimas (Garcia *et al.*, 2016).

Os profissionais de saúde possuem dificuldades em abordar sobre violência doméstica, principalmente tendo em vista o constrangimento que pode causar, pois assumir ter sido vítima de violência por parceiro íntimo exige percepção do que é violência e coragem para assumir algo que pode ser humilhante e constrangedor (Sgobero *et al.*, 2015).

Considerando a complexidade do tema que envolve mudanças nas questões culturais, socioeconômicas e governamentais da sociedade, a contribuição dos resultados da pesquisa possibilita a visibilidade, descrição e a análise do padrão da violência doméstica em mulheres atendidas na maternidade de referência, promovendo a discussão de políticas de promoção e melhoria da qualidade de vida destas mulheres e seus filhos.

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a prevalência e os fatores associados à violência doméstica na gestação em mulheres em uma maternidade de referência, em Feira de Santana, Bahia.

METODOLOGIA

Foi utilizado o Banco de Dados coletado para Dissertação de Mestrado “Fatores associados a violência doméstica na gestação em adolescentes e adultas, em Feira de

Santana, Bahia”, de Luciana Maia Santos Vidal, vinculada ao projeto de pesquisa “Rotas críticas de mulheres em situação de violência: um estudo de caso”.

O estudo de corte transversal foi realizado em uma maternidade pública, referência em urgências e emergências obstétricas, no município de Feira de Santana, interior do estado da Bahia. Participaram do estudo puérperas com 24 horas de pós-parto, atendidas na referida Instituição, tendo como critérios de exclusão mulheres no pós-parto imediato, óbitos fetais e as que tinham problemas psiquiátricos. Trabalhou-se com uma amostra de 324 mulheres calculada a partir do total de 5.888 partos, no ano de 2015, com frequência esperada de 24,3% da violência doméstica na gestação. Erro amostral de 5% e intervalo de confiança de 95%.

Os dados foram coletados entre os meses de maio a julho de 2016, por meio de questionário, aplicado em sala reservada, contendo variáveis socioeconômicas e demográficas (faixa etária da mulher e companheiro, escolaridade, estado civil, trabalho fora de casa, ocupação da mulher e companheiro, dependência financeira da mulher, renda familiar), variáveis gineco-obstétricas (início da vida sexual, presença de aborto, número de gestações e partos, consultas pré-natal, intercorrências obstétricas). A variável dependente foi a presença de violência doméstica ou não.

Os dados foram digitados duplamente com realização de validação no Epidata, armazenados, utilizando-se o pacote estatístico IBM SPSS, versão 20. Foi realizada uma análise descritiva, com distribuição das frequências para variáveis qualitativas, cálculo de média, mediana e desvio padrão para variáveis quantitativas. Na análise bivariada, foi aplicado teste Qui quadrado de Pearson, para identificar associações estatísticas entre as variáveis de estudo com um nível de significância de 5% e IC 95%.

A análise multivariada foi realizada no programa estatístico STATA, versão 10.0, através do modelo de regressão logística e com ajuste de variáveis que obtiveram o valor de $p < 0,05$, tendo como medida de efeito razão de chances (OR), com IC 95% e logo após, realizado testes para diagnóstico do modelo de regressão logística com resultados satisfatórios.

Esta pesquisa tem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UEFS, com CAAE 51273915.0.0000.0053.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 324 puérperas, com idade variando de 12 a 42 anos (média=26,1, mediana=25, desvio padrão=6,7). As adolescentes representaram pequeno percentual na amostra (17,9%). Declararam-se pretas e pardas 297 (92%), a maioria eram casadas ou viviam em união estável 255 (78,7%). Quanto à escolaridade, a maior parte cursou ensino médio, 191 (59%) e não trabalhavam fora de casa, 202 (62,3%). Tinham como ocupação dona de casa, / estudante 166, (51,3%), com dependência financeira, 254 (78,4%). A renda familiar foi de até um salário mínimo em 164 (50,6%) das entrevistadas.

Os companheiros apresentaram idade variando de 16 a 59 anos (média=32,7, mediana=29, desvio padrão=15) e em sua maioria apresentaram ocupação remunerada com destaque ao trabalho informal 147 (47,1%).

Em relação à presença de violência doméstica, 68 (21%) mulheres sofreram algum tipo de violência. Dados similares foram encontrados numa pesquisa com mulheres maiores de 19 anos, onde a prevalência encontrada foi de 27,5% (Silva *et al.*, 2010).

Nesse estudo, a violência psicológica estava presente em sua maioria (34,3%), moral (23,8%), física (19,3%), patrimonial (11,6%), sexual (11%). Resultados próximos foram encontrados na Tanzânia, em mulheres grávidas com 31% de casos da violência psicológica, 12,4% da física e 9% da sexual (Mahenge *et al.*, 2016). No Brasil, em um estudo realizado em Recife, foram encontrados percentuais de violência emocional 52,7%, física 46,1% e sexual 13,6% (Barros *et al.*, 2016).

Na análise bivariada das variáveis socioeconômicas e demográficas, com a presença de violência doméstica constatou-se que sofreram violência doméstica, em sua maior parte, as mulheres maiores de 19 anos (82,2%), pretas e pardas (89,7%), casadas e que viviam em união estável (64,7%), cursaram ensino médio (55,9%), trabalhavam fora de casa (54,4%), tinham outras ocupações (estudante e dona de casa) (36,8%), dependência financeira (60,3%), renda familiar até um salário mínimo (41,2%). Praticaram violência doméstica os companheiros com uma média de idade de 29 anos, com ocupação remunerada, através do trabalho formal (45,9%). Dentre as variáveis socioeconômicas e demográficas, apresentaram significância estatística para presença de violência doméstica estado civil ($p=0,000$), trabalho fora de casa ($p=0,001$), ocupação da mulher ($p=0,002$), dependência financeira da mulher ($p=0,000$), idade do companheiro ($p=0,007$), ocupação do companheiro ($p=0,032$).

Resultados de pesquisa em Recife encontraram elevados percentuais de violência doméstica em mulheres de 25 a 49 anos (75,7%) (Barros *et al.*, 2016). Além disso, estudos evidenciam que dependência emocional e financeira são importantes fatores para a permanência das mulheres em relações violentas (Balduino *et al.*, 2017). Outrossim, há maior risco de mulheres casadas serem vítimas da violência por ser o companheiro o principal agressor e o ambiente doméstico o local de maior ocorrência (Sena, 2014).

Quando analisadas, as variáveis gineco-obstétricas e presença de violência doméstica, as mulheres que as sofreram, em sua maioria, tinham até 19 anos (89,7%), tiveram de 2 a 4 gestações (48,6%) e mais de 2 partos (63,2%), não praticaram aborto (72,1%), com presença de acompanhamento pré-natal (95,6%) e ausência de intercorrências obstétricas (70,6%). Encontrou-se associação estatisticamente significativa para presença de violência doméstica, número de gestações ($p=0,007$), presença de aborto ($p=0,024$), número de partos ($p=0,035$). Na análise multivariada ajustada para presença de violência doméstica apresentaram associação estatisticamente significativa as variáveis: estado civil (OR=0,44; IC 95%=0,21-0,90; $p=0,026$), dependência financeira (OR=0,43; IC 95%=0,19-0,98; $p=0,046$), prática de aborto (OR=0,43; IC 95%=0,19-0,96; $p=0,041$). Estudos evidenciam que a violência doméstica esteve presente no cotidiano de mulheres que provaram aborto, incluindo a violência conjugal (Couto *et al.*, 2015).

Os dados deste estudo devem ser interpretados com cautela, apesar da validação do instrumento utilizado e a calibração na coleta dos dados. Trata-se de um tema complexo e de difícil abordagem por tratar-se de mulheres no período puerperal e pela exposição à violência das mulheres entrevistadas que podem ter omitido informações referentes a esse fenômeno. Deve-se considerar também que estudos de prevalência não permitem inferências dos resultados para população geral; assim considera-se que a limitação deste estudo consiste pela delimitação local em um município do interior da Bahia; ainda que os dados apontem para variáveis associadas à violência que podem ser encontrados em outros estudos similares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A melhoria da visibilidade da violência, notificação de casos e propostas de ajustes dos serviços de atendimento voltados às mulheres em situação de violência constituem-se nas

contribuições deste estudo. Nessa perspectiva, entendem-se as políticas públicas como imprescindíveis na prevenção, combate e notificação dos casos de violência, com a integração, qualificação, adequação dos horários de funcionamento da rede de atendimento em benefício ao acesso nos serviços, enfrentamento do agravo e rompimento do ciclo, com enfoque na estimulação do autocuidado das vítimas para evitar consequências psicológicas.

REFERÊNCIAS

- BALDUINO, R.C.P., A.C. ZANDONADI; E.S. OLIVEIRA. 2017. Violência doméstica: fatores implícitos na permanência em situação de sofrimento. *Revista FAROL* 3(3): 111-125.
- BARROS, E.N., M.A. SILVA, G.H.F. NETO, S.G. LUCENA, L. PONZO; A.P. PIMENTEL. 2016. Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. *Ciênc. Saúde Colet.* 21(2): 591-598.
- BRASIL. 2006 [online]. Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006. *Diário Oficial da União*. Homepage: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- COUTO, T.M., R.G. NITSCHKE, R.L.M. LOPES, N.P. GOMES; N.M.F. DINIZ. 2015. Everyday life of women with a history of domestic violence and abortion. *Texto Contexto Enferm.* 24(1): 263-269.
- GARCIA, L.P., E.C. DUARTE, L.R.S. FREITAS; G.D.M. SILVA. 2016. Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. *Cad. Saúde Pública* 32(4): 1-11.
- MAHENGE, B., H. STOCKL, A. ABUBAKARI, J. MBWAMBO; A. JAHN. 2016. Physical, Sexual, Emotional and Economic Intimate Partner Violence and Controlling Behaviors during Pregnancy and Postpartum among Women in Dar es Salaam, Tanzania. *Plos One* 11(10): 1-10.
- OKADA, M.M, L.A. HOGA, A.L. BORGES, R.S. ALBUQUERQUE; M.A. BELLI. 2015. Violência doméstica na gravidez. *Acta Paul Enferm.* 28(3): 270-274.
- SENA, C.D. 2014. Fatores associados à violência doméstica em gestantes atendidas em uma maternidade pública. Universidade Federal da Bahia, dissertação.
- SGOBERO, J.K.G.S., L.V.C. MONTESCHIO, R.C.M. ZURITA, R.R. OLIVEIRA; T.A.F. MATHIAS. 2015. Violência física por parceiro íntimo na gestação: prevalência e alguns fatores associados. *Aquichan* 15(3): 339-350.
- SILVA, M.A., G.H.F. NETO, J.N. FIGUEIROA; J.E.C. FILHO. 2010. Violence against women: prevalence and associated factors in patients attending a public healthcare service in the Northeast of Brazil. *Cad. Saúde Pública* 26(2): 264-272.